

## SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

### GÊNIO, MEDO E CORAGEM

Se algum homem, em nosso século, personificou o espírito de ceticismo, ele foi o cáustico e brilhante George Bernard Shaw. Ele ridicularizou os homens da sua geração, que julgaram haver-se comunicado com os mortos através de médiuns e, certa vez, organizou uma sessão fraudulenta só para provar quão simplórios eles eram. Sir Arthur Conan Doyle, o criador de Sherlock Holmes, disse: "Na presença de testemunhas incontestáveis, tenho visto minha mãe, desde sua morte. Mas o que eu digo deve ser falso, porque Bernard Shaw burlou seus amigos. Poderia existir um *non sequitur* mais absurdo do que esse?"

Todavia, Shaw não era um simplório intolerante e zombeteiro. No dia 24 de outubro de 1941, ele escreveu para o doutor Jan Ehrenwald, um psicanalista que atualmente clinica em Nova Iorque, contando que "na véspera do dia anterior", num súbito impulso, perguntara, à sua secretária, o que teria havido com seu amigo Maurice Baring, "se ele estava vivo ou morto". "Durante anos", escreveu ele, "não aconteceu nada que me fizesse lembrá-lo". E agregou: "Ontem eu recebi carta dele. Ao que parece, pelo fato de escrever-me, ele fez que eu o recordasse, antes de a carta chegar. Isso ocorre com tanta frequência que talvez valha a pena investigar se aí não existe algo mais do que coincidência, embora o número de coincidências deva ser enorme e os casos muito poucos."

A este caso de aparente telepatia ou clarividência, Shaw juntou um outro. Ele havia — declarava sua carta — sofrido uma súbita dor na espinha enquanto participava de uma conferência. Uma mulher que "condenava energicamente" Shaw estivera sentada atrás dele, sobre a plataforma, de modo que